

## Capítulo X

O prazer como estratégia para driblar o mal-estar

Angelina Bulcão Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, AB. O prazer como estratégia para driblar o mal-estar. In: *Comida: prazeres, gozos e transgressões* [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 177-187. ISBN 978-85-232-0907-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# Capítulo X

# O prazer como estratégia para driblar o mal-estar

O prazer sem limites se traduz no 'reino comichoso' da aparência que brinca de cabra-cega nas patifarias dos capadócijs desassuntados, no deboche das 'oferecidas' mais risonhas, nas 'ficações' das mocinhas sérias. (ROBERTO ALBERGARIA)<sup>1</sup>

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O PRAZER

Considerando a busca de situações prazerosas como uma das formas de lidar com o mal-estar na cultura, selecionamos neste capítulo algumas definições do prazer e da felicidade, marcando as diferenças e aproximações entre os dois termos, e ressaltando as mudanças ocorridas entre a condenação do prazer e sua estimulação verificada nos tempos atuais.

A busca compulsiva do prazer e o mais além do prazer, o gozo, serão enfocados em sua relação com os excessos.

Baseando-nos na teoria psicanalítica, abordamos sumariamente as relações entre prazer e desejo, levando em consideração as origens comuns de ambos os conceitos que se articulam, por sua vez, à alimentação e ao consumismo.

Ao se dar conta de que é arriscado viver, o indivíduo utiliza algumas estratégias para neutralizar o mal-estar na cultura, como já havia sinalizado Freud (1930). Seja lutando contra a velhice, seja adotando uma aparência sedutora para obter reconhecimento ou afeto, seja buscando sentido de vida na prática sexual, seja através das drogas, religião ou amor, o ser falante tenta, em última análise, minimizar a impotência diante da morte. De maneira geral, as estratégias variam entre a busca de prazer e a fuga ao sofrimento.

Prazer e mal-estar estão em íntima relação. Como afirmou Bauman, "os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais"<sup>2</sup>. E por paradoxal que seja, da mesma forma que o prazer pode ser uma das causas do mal-estar, como sugere o autor, ele também funciona como uma forma de escapar deste último.

Selecionamos três definições do termo ‘prazer’.  
Segundo o Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI, ‘prazer’ consiste em

uma sensação ou sentimento agradável, harmonioso, que atende a uma inclinação vital; alegria, contentamento, satisfação, deleite.

Em um dicionário de Psicologia, prazer é definido como um

estado emocional caracterizado pelo desejo de continuidade. Tipo de sensação (ou fusão de sensações) oriunda de órgãos internos, embora difusa e sem localização específica, talvez com substancial contribuição dos órgãos genitais externos, que se caracteriza por sua agradabilidade<sup>3</sup>.

As definições psicanalíticas, em geral, se referem ao Princípio do Prazer. O verbete de um dicionário de termos freudianos, organizado por Cunha, nos diz que prazer e desprazer consistem nas “atividades do ego governadas pela consideração das tensões, produzidas pelos estímulos, presentes dentro dele ou nele introduzidas”. O aumento dessas tensões é, em geral, sentido como ‘desprazer’ e a sua diminuição como ‘prazer’<sup>4</sup>.

A concepção de prazer aproxima-se da concepção de ‘dionisíaco’ que designa o que é da ordem do instintivo, espontâneo, tumultuário, desordenado, atributos do deus Dioniso cuja natureza é agitada, arrebatada, desinibida. Tem relação com o entusiasmo e a inspiração criadora. Em contrapartida, o equilíbrio, a sobriedade, a disciplina e o comedimento são características de Apolo, deus da luz e do sol, das artes e da adivinhação.

O mito dionisíaco está, pois, ligado à capacidade de ir sempre além. A chave interpretativa da vida do deus da embriaguez é o seu relacionamento com os alimentos – sobretudo com o vinho, que o ajuda nos empreendimentos mais temerários. [...] é a vizinhança do perigo que estimula Dioniso<sup>5</sup>.

O carnaval presta-se a um belo exemplo da manifestação do deus Dioniso e uma trégua à repressão. Tomamos como exemplo a descrição feita pelo antropólogo Roberto Albergaria publicada no jornal *A Tarde*<sup>6</sup>:

rebuliçosa experiência (brincalhona, fantasiosa, libidinosa, dissipativa) de quem está consumindo energia desregradamente, ralando a sola do galopim no asfalto pelante – mangangões & lenhadões entupidos de água dura se lascando no meio da pândega, desmioladamente (“eu não quero nem saber!”, “o que vier eu traço!”). Turbilhão do muito que vira e mexe por debaixo do pano cá e lá – cada coisa do arco da velha nesse pandemônio, o diabo “atentando” tudo que é donzela & arruela, espicaçando aqui as miquinhas, ali até as macacas-velhas matriculadas, sorrateiramente (Deus é mais!).

Para o antropólogo baiano, trata-se também de uma vivência psicossocial profunda, um envolvimento corporal de altíssima intensidade.

Enroscante agitação vital, descomunal carregação de paixões atrativas & repulsivas, descabelada carreira de tão sacolejantes & mutatórios desejos rolando entre tantos & tontos encontros & desencontros & tapas & beijos & gracinhas & desgraças & cheiros de amor & fedores de xixi & gozosos estrebuchos & tremelicosas amarguras – subindo e descendo ladeira, entrando em beco, saindo em beco [...] 7.

Parker também se referiu ao carnaval, “chave que fecha o verão psicológico brasileiro”. Pois é na mais quente estação do ano que as praias se enchem “de corpos suados e dourados” e “as roupas tornam-se uma maneira de exibir e mostrar os corpos, os dotes da natureza” e quando “nada é pecado”. Durante o reinado de Momo, “os prazeres polimorfos da ideologia erótica tornam-se a norma, mais que a transgressão da ordem estabelecida”. O autor transcreveu depoimento de um entrevistado do sexo masculino segundo o qual “tudo é permitido em termos de sexo e de drogas”<sup>8</sup>.

A volta à regência de Apolo se traduziria nos “360 dias normais, contidos, mornos, sorumbáticos mesmo, fechados em casa, no trabalho, no buzu[...] a língua melindrosa, as idéias entupigaitadas no oco da miolada, os desejos incubadíssimos, os amores encruados nos corações solitários[...]”<sup>9</sup>.

Responsáveis pelas mudanças foram a urbanização e industrialização, a redução do tempo do trabalho, o prolongamento da média dos anos de vida com os progressos da Medicina, a valorização do conforto e da abundância – apontados por Sant’Anna (1995). A perda da influência da religião institucionalizada na determinação dos valores e comportamentos também contribuiu para a liberação corporal e sexual. Demônios e pecados foram confinados ao inferno católico. Os sacrifícios e mortificações foram esquecidos em nome do bem-estar<sup>10</sup>.

Houve uma mudança significativa nestas concepções, situada por Morin entre os anos 1967-1969, “quando a libertinagem explodiu na reivindicação ilimitada do desejo e do prazer, desdenhando qualquer censura e qualquer tabu. Expandiu-se (onda larga) na liberalização dos costumes e no enfraquecimento das proibições erótico-sexuais na vida e nos espetáculos”<sup>11</sup>. Ainda segundo Morin, esse processo continuou na década seguinte, quando o conceito de ‘cultura de massa’ foi por ele

redefinido<sup>12</sup>. “A mitologia da cultura de massas começa a degradar-se por volta dos anos 60”<sup>13</sup>. Desta época em diante, cessa a ‘mitologia da felicidade’, e o mal-estar e a inquietude passam a ser explorados pela grande imprensa e televisão.

A desculpabilização da sexualidade e da agressividade, observáveis na virada do século, estão incluídas no discurso de liberação do corpo que afeta o prazer de comer. Como sinalizou Lipovetsky, a difusão e popularização das teorias marxistas, freudianas, nietzschianas, cujo denominador comum diz respeito à liberação do desejo, saíram dos espaços fechados da elite e atingiram as classes médias, possibilitando a subversão de alguns costumes puritanos<sup>14</sup>.

Entre outros fatores que contribuíram para uma maior permissividade dos prazeres sensoriais, destacamos: a secularização das práticas religiosas no contexto de uma urbanização e industrialização crescentes, a redução do tempo do trabalho, o prolongamento da média dos anos de vida com os progressos da Medicina, a valorização do conforto e da abundância<sup>15</sup>.

As reformulações relativas ao prazer refletem, portanto, as transformações sociais ocorridas nas sociedades ocidentais. A mídia, por sua vez, absorve essas transformações numa primeira etapa, e só depois as utiliza.

## A BUSCA DA FELICIDADE

Em alguns textos epicuristas<sup>16</sup> e cineraicos<sup>17</sup>, prazer e felicidade são sinônimos. A diferença entre ambos é encontrada em algumas concepções filosóficas referentes à duração da satisfação. A felicidade seria experimentada como um estado constante e duradouro de contentamento total ou quase total<sup>18</sup>. A satisfação absoluta e total é impossível, os prazeres, em geral, são rápidos e passageiros. A felicidade em sua plenitude seria, pois, impossível<sup>19</sup>.

Segundo Freud, o objetivo da vida humana é a busca da felicidade. Esta foi, por ele, relacionada à evitação da dor ou do desprazer, e a busca de fortes sensações de prazer, objetivos regulados pelo Princípio do Prazer, princípio que domina o funcionamento do aparelho psíquico<sup>20</sup>. A renúncia à sexualidade e à agressividade que o homem civilizado precisa fazer seria um dos obstáculos à obtenção da felicidade<sup>21</sup>. Pressionado pelo ambiente circundante, o princípio do prazer se transforma em princípio da realidade<sup>22</sup>.

Em um dos trechos de *O mal-estar na civilização*, Freud definiu **felicidade** como aquilo que “provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau,

sendo, por sua natureza, possível apenas como manifestação episódica”<sup>23</sup>. Entretanto, admitiu a existência do que chamou ‘prazer barato’, dando como exemplo a satisfação obtida ao cobrir uma perna sob o cobertor em uma noite fria. Ou, como disse a atriz Joyce Grenfell “a felicidade é o momento sublime quando você tira o espartilho à noite”<sup>24</sup>.

Ainda segundo Freud, os homens, por seu comportamento, demonstram ser a felicidade o propósito e a intenção de suas vidas. “O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer”<sup>25</sup>. Para o criador da psicanálise, essa empresa apresenta um aspecto positivo e outro negativo. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, visa a experiência de intensos sentimentos de prazer. “Em seu sentido mais restrito, a palavra ‘felicidade’ só se relaciona a esses últimos”<sup>26</sup>.

E mais adiante nos disse:

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito tênues. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança<sup>27</sup>.

Segundo Pascal Bruckner, em entrevista à revista *Época*, a felicidade tornou-se ideal coletivo e obrigatório de maneira tal que aqueles que não a alcançam, sentem-se excluídos e fracassados<sup>28</sup>. Em seu livro *A euforia perpétua*, considerou um erro e uma ilusão a felicidade ter se tornado uma espécie de tirania no mundo contemporâneo, “dogma, catecismo coletivo”. “Por dever de felicidade eu entendo, pois, a ideologia própria da segunda metade do século XX, que obriga a que tudo seja avaliado pelo ângulo do prazer e da contrariedade, intimação à euforia que expõe à vergonha e ao mal-estar os que não aderirem a ela”<sup>29</sup>

O escritor discordou de Freud recusando a felicidade como meta fundamental do ser humano. Defendeu que esta é só uma das possibilidades na vida, destacando outras como a paixão e a liberdade. Mas admitiu, como o criador da psicanálise, que a busca da felicidade está fadada ao fracasso.

Parece haver uma confusão generalizada entre felicidade, prazer e bem-estar. Bruckner diferenciou bem-estar e conforto da felicidade na medida em que os primeiros são passíveis de compra e a última não. Freire Costa os chamou de ‘felicidade de pacotilha’ ou ‘felicidade *prêt-à-porter*’<sup>30</sup>.

Sinal da necessidade de renovação constante, além de ampliados por situações, objetos e comportamentos, os prazeres sensuais também têm sido buscados na vida contemporânea. Em um mundo que sofre os efeitos perversos da industrialização, uma valorização das sensações puras inspirou uma nova expressão: o Neosensualismo. O prazer de dormir é aumentado com o uso de lençóis de algodão, numa oposição às fibras sintéticas modernas. O prazer de beber torna-se mais apurado com um simples copo de água. O prazer de morar dispensa o conforto luxuoso. Chapéu de palha, bolo de fubá, tecidos de chita são ressuscitados.

Inevitavelmente, o consumo e a mídia já se apropriaram das novas formas prazerosas que a imprensa ajuda a divulgar. Lojas especializadas em produtos exóticos transformam-se em templos sensoriais e viram coqueluche. Revistas de decoração se multiplicam. Uma publicação brasileira intitulada *Simple* desperta atenção para enxergar pequenas coisas em nossa volta que podem causar sensações gostosas, bem-estar, e até mesmo grandes prazeres<sup>31</sup>.

Lipovsky chamou atenção para o “imperativo narcísico” estimulado pela cultura higiênica e desportiva, estética e dietética. “manter-se em forma, lutar contra as rugas, zelar por uma alimentação saudável, bronzear-se, manter a linha, descansar, a felicidade individualista é inseparável de um extraordinário *forcing* no esforço de dinamização”<sup>32</sup>.

O autor apontou duas tendências modeladoras das nossas sociedades. A primeira estimula prazeres imediatos, sejam eles consumistas, sexuais ou da ordem do divertimento. Supervaloriza “a pornografia, droga, sexo selvagem, bulimia de objetos e de programas midiáticos, explosão do crédito e endividamento doméstico”<sup>33</sup>. A segunda privilegia a obsessão pela excelência e pela qualidade, pela saúde e pela higiene.

Concluiu Lipovsky que uma sociedade hedonista não é caracterizada por prazeres voluptuosos, uma vez que a busca



da qualidade de vida e da saúde tornaram-se motivação intensa, exigindo esforço e renúncias. “O hedonismo pós-moderno já não é, nem agressivo, nem diletante, é gerido, funcionalizado, prudentemente *light*”<sup>34</sup>.

## PRAZER E DESEJO

Segundo um dicionário de moral, o “prazer não é uma sensação particular, sensual, mas um sentimento subjetivamente vivenciado por ocasião da realização de um desejo”<sup>35</sup>.

O desejo é definido de várias formas: uma aspiração, uma ambição, um apetite. Esta última conotação o aproxima do comportamento de comer. Mas o desejo de que fala a psicanálise não é o desejo tal como entendido pela Biologia. Desejo, em linguagem psicanalítica, nada tem a ver com a concepção naturalista da necessidade, embora seja possível nele identificar uma tensão interna que empurra o organismo para uma determinada direção. Em se tratando de necessidade, porém, esta tensão é de ordem biológica<sup>36</sup>.

A alimentação, o ato de ingerir, devorar, destruir o alimento para assimilá-lo está na origem do desejo e do consumo.



### COMO A PSICANÁLISE EXPLICA O DESEJO

A **necessidade** foi definida nos momentos iniciais da construção teórica freudiana como uma tensão interna ao organismo relacionada com a sobrevivência e, por isso mesmo, exigindo uma ação específica para a sua satisfação. Para que a ação específica se realizasse, seria indispensável a presença de um objeto específico e de uma série de condições externas. A satisfação, dada pela ação específica, foi denominada por Freud de **vivência de satisfação**.

A vivência de satisfação está associada ao estado de desamparo original do sujeito. Ou seja, o sujeito não pode realizar, por ele mesmo, a ação que satisfaz sua necessidade. A satisfação depende de um objeto que é perdido definitivamente. Sua tentativa de recuperação consiste no **desejo**.

Vejamos como ocorre o processo: inicialmente existe uma fusão do bebê com a figura materna que responderia às necessidades do filho, mesmo antes de serem formuladas. As manifestações corporais, pelas quais a criança transmite suas necessidades fisiológicas, são interpretadas, pela pessoa que cuida dela, como uma demanda. Quando tem fome, o recém-nascido chora, se debate, tentando afastar o estímulo causador da insatisfação. Ao lhe dar de mamar, a mãe reduz a tensão decorrente da necessidade, e

lhe permite experimentar satisfação. Os gestos e as palavras de carinho que, em geral, acompanham a amamentação, o contato com o corpo materno, fazem a criança gozar para além da necessidade. Depois de satisfeita a privação alimentar, há um relaxamento corporal, que costuma ser interpretado como resultante dos cuidados dispensados.

Fica, então, uma marca mnêmica, impressa no momento em que a necessidade se impõe e é satisfeita. Quando esta surge outra vez, a imagem do primeiro momento de gozo, fixada na memória, conduz à demanda da repetição deste momento. Além da necessidade de se alimentar, há a expectativa do retorno da primeira experiência de satisfação que, no entanto, jamais será a mesma.

Ao ter sido levado a destacar a presença e importância do Outro na estruturação do sujeito humano, Freud inevitavelmente depara-se com a “vivência de satisfação”, isto é, com a questão do desejo. A noção de facilitação encontra-se aí privilegiada, visto que a vivência obtida através do encontro com o Outro acarreta uma diminuição da resistência que produziria, no sistema w (consciência), a sensação de desprazer. Deste modo, a próxima excitação escolherá o caminho facilitado pela “notícia” (termo de Freud) retida pelo sistema y, pela memória.

Ocorre então, por meio desta vivência, diz Freud, “uma facilitação entre duas imagens recordativas e os neurônios nucleares que, no estado de incitação, são ocupados”. Incitação aqui é sinônimo de desejo. Desejo e memória, como traços sem substância, estão articulados desde o início da constituição do psiquismo: “A imagem recordativa do objeto certamente é a primeira a ser afetada pela animação de desejo”. Com esta afirmação, Freud também reúne desejo e alucinação, ou seja, memória e alucinação.

E ele próprio explicita: “Não tenho dúvidas de que esta animação de desejo resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, em alucinação” (COUTINHO, 2004)<sup>37</sup>.

O que caracteriza, portanto, o **desejo** em Freud é o impulso para reproduzir alucinatoriamente uma satisfação original — um retorno a algo que já não é mais um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta. “O que caracteriza o desejo é a presença de uma ausência. O desejo é a nostalgia do objeto perdido” (GARCIA-ROZA, 1991)<sup>38</sup>.

Tal como o desejo, a necessidade implica uma tensão interna que impede o organismo em uma determinada direção. Na necessidade, porém, essa tensão, vale repetir, é de ordem biológica, e encontra sua satisfação através de uma ação específica visando um objeto específico que permita a redução da tensão. O objeto da necessidade é o leite do peito da mãe.

O desejo, porém, não tem relação com um objeto definido, mas com um ‘fantasma’, ou seja, uma fantasia inconsciente. Ele não se satisfaz plenamente com objetos que encontra, pois seu objeto é a falta. Só se deseja o que não se tem. A estrutura do desejo implica a inacessibilidade do objeto. É isso que o torna indestrutível.

A falta é instalada quando o ser vivo, ao ser introduzido na Ordem da Cultura, adquire a condição de ser falante, capaz de simbolizar.

Lacan articulou a falta à aquisição da linguagem tornando

metáforas alguns termos utilizados por Freud, tais como **falo** e **castração**. Estes adquirem uma conotação simbólica ao designar, não o órgão sexual masculino ou sua mutilação, mas algo que falta à mulher e o corte, respectivamente.

A palavra **falo** aponta o significante do desejo, o significante da falta-a-ser. O falo faltante simboliza o desejo da mulher. A criança ocupa este lugar faltoso, sendo então considerada o falo da mãe que a completa.

A **castração** é a ruptura com a natureza em estado puro que lança o ser vivente na cultura e sua conseqüente hominização através da linguagem. Ela é reeditada no decorrer da existência do sujeito quando este esbarra com as impossibilidades e experiência a certeza de que não é onipotente.

O ingresso na cultura se processa pela interdição/corte do gozo incestuoso. O agente desse corte (ou castração) não é o pai biológico, uma pessoa de carne e osso e, sim, o pai simbólico, aquele que representa a Lei ao proibir o incesto. A essa função paterna Lacan denominou **Nome-Do-Pai** ou **Metáfora Paterna**.

Até então, havia uma indistinção quase fusional com o outro materno. A criança anulava a falta (desejo) da mãe funcionando como um “falo”. Assim, identificava-se com o objeto do seu desejo. O desejo da criança ficava radicalmente assujeitado ao desejo da mãe.

O processo de ruptura/corte da relação dual que produz a disjunção da mãe-fálica/criança-falo é uma dupla castração. Ao interditar à mãe a reintegração do filho em seu ventre, e ao interditar ao filho a posse da mãe, o pai castra a mãe de qualquer pretensão de possuir o falo e, ao mesmo tempo, castra o filho de qualquer pretensão de ser o falo para a mãe.

A renúncia a ser objeto do desejo da mãe, quando a Ordem Simbólica é interiorizada, possibilita a constituição do sujeito desejante. Pela cisão mãe-criança, instituída pelo Pai simbólico, o desejo, passa a ser mediatizado pelo **Grande Outro** — o nome dado por Lacan ao tesouro dos significantes, o lugar da linguagem. A afirmação de Lacan de que todo desejo é desejo do Outro significa que o desejo só pode surgir mediatizado pela linguagem, mediatizado pelo desejo do outro.

Desejar o desejo do outro é uma das características do desejo humano.

Conseqüências decisivas ocorrerão a partir daí. O sujeito humano entra no terreno da trocas simbólicas, o que implica que suas buscas de satisfação deverão doravante serem feitas no interior dessa ordem. O advento do simbólico institui a *spaltung*, divisão fundadora do sujeito.

O desejo de ser (o falo) é recalcado em prol do desejo de o ter e, assim, o sujeito se lança em uma cadeia de objetos substitutivos. A falta constitutiva do sujeito desejante se expressa, então, em demandas cujas várias formas nada mais são do que a demanda de amor.

O desejo se desloca infinitamente. Como disse Lacan, ele é metonímico. Isso significa que nós não temos condições de realizá-lo. Quando pensamos que conseguimos satisfazê-lo, ele desliza novamente e as aspirações passam a ser outras. Pois a perda irrecuperável da primeira experiência de satisfação deixa em aberto um lugar que será a partir de então ocupado por outros desejos.

O ser falante engaja seu desejo nos objetos substitutos do objeto perdido. A falta, porém, será constante no decorrer da existência, impulsionando o desejo, mola propulsora das ações, da vida em si mesma. E como o desejo se define por sua insatis-

fação, a falta permanece a cada conquista. Sempre faltará algo.

Estas seriam as razões constitutivas, segundo a teoria do inconsciente, da sociedade de consumo. Os objetos de consumo nada mais seriam do que objetos substitutos do objeto para sempre perdido. Por não alcançarem o objetivo do desejo, eles são descartados.

Através da nutrição são, pois, vivenciadas as primeiras experiências de satisfação. O primeiro desejo é, pois, um desejo sensual através do qual o homem vai suprimir o objeto para incorporá-lo.

Esses princípios teóricos da psicanálise deram pistas para este trabalho, na medida em que oferecerem esclarecimentos para comportamentos aparentemente destituídos de significação como o prazer no sofrimento, por exemplo.

Em suma, sendo a constituição do desejo, segundo a teoria freudiana, baseada na primeira experiência de satisfação do ser falante<sup>39</sup>, o que o caracteriza, portanto, é o impulso para reproduzir alucinatoriamente a satisfação original, um retorno a algo que já não mais existe, um objeto perdido cuja presença é marcada pela falta. Por isso pode-se considerar o desejo a presença de uma ausência.

Às conseqüências psíquicas de uma “vivência de satisfação”, Freud acrescentou uma hipótese no sentido de que o acúmulo de excitação (acarretado de diversas maneiras) é vivido como desprazer, e coloca o aparelho em ação com vistas a repetir a vivência de satisfação, que envolveu um decréscimo da excitação e foi sentida como prazer.

A esse tipo de corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, demos o nome de “desejo”; afirmamos que só o desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento e que o curso da excitação dentro dele é automaticamente regulado pelas sensações de prazer e desprazer. O primeiro desejo parece ter consistido numa catexização alucinatória da lembrança da satisfação. Essas alucinações, contudo, não podendo ser mantidas até o esgotamento, mostraram-se insuficientes para promover a cessação da necessidade, ou, por conseguinte, o prazer ligado à satisfação<sup>40</sup>.

Pelo exposto, conclui-se que o ato de ingerir, devorar, destruir o alimento para assimilá-lo, encontra-se na origem do desejo e, por isso, este se articula com a alimentação. Não só pela necessidade biológica, mas porque, através da nutrição, são vivenciadas as primeiras experiências de satisfação.

A experiência de satisfação que inclui a alimentação constitui, portanto, o principal elo entre prazer e desejo. Mas a perda irrecoverável dessa experiência primordial deixa em aberto um lugar que será doravante ocupado por outros desejos. Estes nada mais são do que objetos substitutos da experiência perdida. Por isso a falta permanece a cada conquista, e a desesperada tentativa de preenchê-la impulsiona o desejo, mola propulsora das ações humanas.

O desejo pode ser comparado a uma fome insaciável. A palavra grega *aplestia*, traduzida por “desejo insaciável”, é o termo que o Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI utiliza para definir a “bulimia”, estando assim associada ao ato de comer. *Aplestos* é aquele que nunca se sente satisfeito e não agüenta sentir por muito tempo a sensação de vazio<sup>41</sup>.

Bell sublinhou o lugar central que o hedonismo ocupa na cultura moderna, embora admitindo não ter visto transformações que esse valor sofreu a partir dos anos 60<sup>42</sup>.

O entusiasmo psicadélico extinguiu-se e o ‘desejo’ passou de moda, o culto de desenvolvimento espiritual, *psi* e desportivo, substituiu a contra-cultura, o *feeling* superou o *standing*, a ‘vida simples’, convivial e ecológica levou a melhor sobre a paixão do ter; a medicina alternativa, baseada na meditação e nas ervas, na vigilância do próprio corpo e dos seus ‘biorritmos’ revelam a distância que nos separa do hedonismo *hot*, da primeira fase<sup>43</sup>.

Lipovetsky considerou ter terminado o que ele chamou de “idade heróica do hedonismo”, onde o gozo esvazia-se do seu conteúdo subversivo.